

FRATELLI VITA, RESISTINDO AO ESQUECIMENTO

Da fabricação de gasosas, vidros e cristais a patrimônio industrial

FRATELLI VITA, RESISTING FORGETTING
*From the manufacture of soda, glass and crystals to industrial
heritage*

Paula Andrade Coutinho¹ e Amanda de Lima Costa Pestana²

Resumo

Objetiva discutir a trajetória e produção da indústria Fratelli Vita, fundada pelos irmãos Giuseppe e Francesco Vita em Salvador e Recife, desde sua construção na virada dos séculos XIX ao XX, perpassando seu fechamento em 1975, até sua (re)significação no presente. Referência na fabricação de bebidas, garrafas de vidro e cristais, agregou potencialidade industrial em ambas as cidades. A pesquisa, de natureza qualitativa, tem como referência os bens culturais produzidos, fontes documentais e bibliográficas, tais como jornais, livros e catálogos de artes. O trabalho dá continuidade às investigações sobre a Fratelli Vita e reflexões sobre a necessidade de preservação do legado herdado. Os resultados dos estudos evidenciam a permanência da memória afetiva e gustativa das bebidas fabricadas, deixada em alguns soteropolitanos e recifenses, a salvaguarda de exemplares dos cristais em museus e coleções privadas, a patrimonialização da antiga fábrica em Salvador e a retomada da produção dos refrigerantes pelos descendentes.

Palavras-chave: patrimônio industrial, Fratelli Vita, cristais Fratelli Vita, preservação.

Abstract

The aim is to discuss the history and production of the Fratelli Vita industry, founded by brothers Giuseppe and Francesco Vita in Salvador and Recife, from its construction at the turn of the 19th and 20th centuries, through its closure in 1975, to its (re)significance today. A benchmark in the manufacture of beverages, glass bottles and crystal, it has added industrial potential to both cities. The research, of a qualitative nature, is based on the cultural goods produced, documentary and bibliographic sources, such as newspapers, books and art catalogs. The work continues the investigations into Fratelli Vita and reflections on the need to preserve the legacy inherited. The results of the studies show the permanence of the affective and gustatory memory of the drinks made, left by some people from Salvador and Recife, the safeguarding of crystal specimens in museums and private collections, the heritage status of the old factory in Salvador and the resumption of the production of soft drinks by the descendants.

Keywords: industrial heritage, Fratelli Vita, Fratelli Vita crystals, preservation.

Introdução

As cidades brasileiras são marcadas por relevantes riquezas patrimoniais, perceptíveis em suas ruas e bairros, através de seus costumes, cotidianos, manifestações populares, suas edificações, suas produções. Ao caminharmos pela cidade de Salvador, por exemplo, — capital do estado da Bahia, importante região do Nordeste e primeira capital do Brasil até 1763, enquanto colônia portuguesa — os diversos contextos de sua história podem ser representados através das manifestações culturais de seu povo, pelas ruas e bairros das regiões das Cidades Alta e Baixa, por sua diversidade arquitetônica e artística.

Ao olharmos para a herança material de Salvador, é notório que a capital preserva edifícios de diversas épocas e contextos, apesar da especulação imobiliária, tendo como principal região de destaque turístico e museológico o Centro Histórico. Contudo, a riqueza da cidade não se concentra unicamente na região conhecida como Pelourinho e entorno, pois, ao caminharmos por outros bairros, são representativos os bens arquitetônicos que preenchem essas regiões.

Dentre algumas regiões de Salvador com relevante destaque histórico, podemos destacar o bairro da Calçada, área por vezes subestimada em seu potencial patrimonial, talvez por sua forte ocupação por feiras e demais comércios, além de ser um bairro de ligação entre o Porto, a Cidade Baixa e o Subúrbio Ferroviário, que foi bastante ocupado populacionalmente. Nesse conjunto patrimonial arquitetônico do bairro da Calçada, mencionamos a Igreja de Nossa Senhora dos Mares, da primeira metade do século XX, a antiga Estação Ferroviária da Calçada, da década de 1860, o Plano Inclinado Liberdade-Calçada, inaugurado em 1981, e a Antiga Fábrica *Fratelli Vita*, fundada no início de 1900, são alguns desses vestígios históricos.

Muitos dos edifícios do bairro da Calçada, a exemplo dos mencionados anteriormente, representam o patrimônio dos séculos XIX e XX da região e de Salvador, período onde a paisagem e o espaço foram significativamente modificados, provenientes da atividade comercial que ganhava nessa época cada vez mais força, por demandar novos espaços: como estabelecimentos comerciais, galpões, armazéns, bem como novos modais de transportes, para a fluidez de pessoas e mercadorias (Castro, 2021, p. 27). As feições morfológicas urbanas da área, e sua modernização, ocorrem com fortes investimentos estrangeiros, especialmente dos ingleses. Santos (1990, p. 24) afirma que, “foi assim que, na última década do século XIX, Salvador ingressou em um novo momento de seu processo de urbanização, que se estenderia até o início dos anos quarenta do século XX”, como ocorreu em outras cidades do Brasil. É importante evidenciar que esse processo de urbanização também relega consigo não somente a modificação da paisagem, como também a expansão da pobreza e da desigualdade.

Na esfera arquitetônica muitas dessas edificações da região da Calçada, são produtos remanescentes do período industrial da cidade, principalmente devido ao Porto localizado no bairro do Comércio e à construção da Estação Ferroviária, em 1860, que contribuiu para a maior circulação de pessoas e mercadorias. Desse legado industrial, evidenciamos como destaque a antiga Fábrica *Fratelli Vita*, referência arquitetônica e industrial do período. Patrimônio arquitetônico e industrial associado à produção de bebidas (com destaque para a receita das gasosas), de vidro e até cristais, referências nacionais e internacionais no mercado da época. Que, entretanto, apesar de legar valiosa herança para a população soteropolitaniana — e também de Recife, em Pernambuco, onde construiu uma filial —, esteve gradativamente tendo seu papel histórico e social desmontado, ocupando cada vez mais a zona do esquecimento, “espaço” simbólico e político que infelizmente tantos outros patrimônios passam a residir.

¹ Professora substituta do Departamento de Museologia da Universidade Federal de Sergipe. Museóloga (COREM 1R- 0345.I), mestra pelo Programa de Pós-graduação em Museologia (UFBA/2017) e doutora pelo Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio (UNIRIO/2024). E-mail: paulaacoutinho@yahoo.com.br

² Arqueóloga pela Universidade Federal de Pernambuco, mestrandona pelo Programa de Pós-graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: amanda.limacosta@ufpe.br

A antiga empresa *Fratelli Vita* — com sede em Salvador e filial em Recife — construiu, a partir de 1900, relevante papel em ambas as capitais nordestinas, integrando-se às suas realidades e cotidianos culturais, através de suas produções e de sua marca. Suas produções foram alvo de reconhecimento nacional e internacional, que perduram mesmo após o encerramento das atividades de suas fábricas. Nesse contexto, o objetivo desta pesquisa é, através dos estudos sobre a antiga empresa *Fratelli Vita*, contextualizando seu papel histórico e social, evidenciar seus legados preservados por meio do patrimônio arquitetônico, de suas produções e da memória que ainda ocupa em muitas pessoas, discutindo as diferentes formas de preservação aplicadas aos bens culturais da *Fratelli* em Salvador e Recife, e suas implicações para a preservação do patrimônio industrial.

Delineamentos sobre a industrialização em Salvador e Recife nos séculos XIX e XX

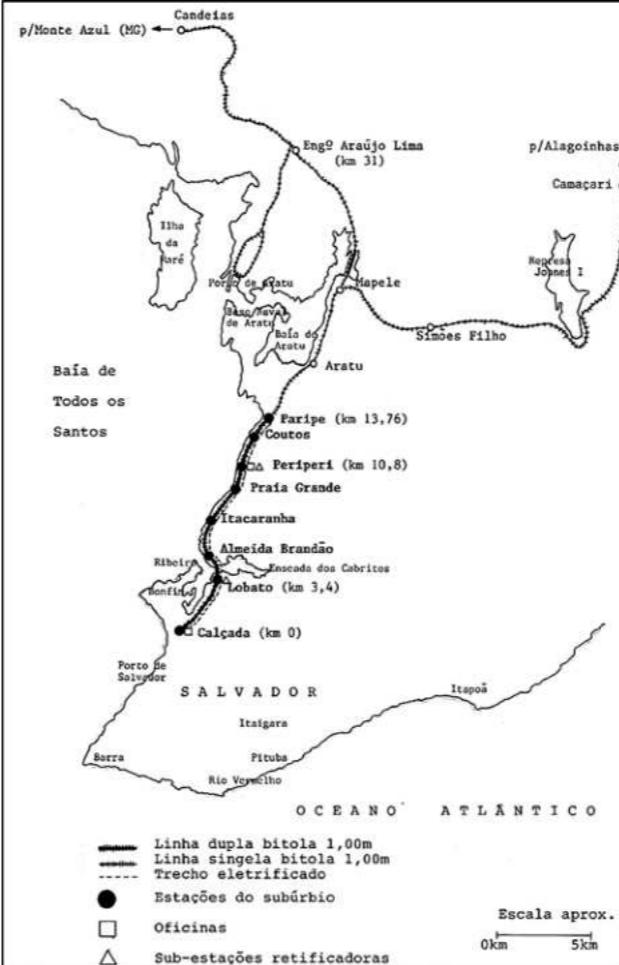
Ao falarmos da *Fratelli Vita* é indissociável a necessidade de contextualizar aspectos históricos e socioculturais da sua época, pois são base para a criação e desenvolvimento da marca e a fabricação de seu legado material e patrimonial, visto que a fundação da empresa é produto de seu meio social.

Devido a herança e interesses da metrópole portuguesa, enquanto o território brasileiro ainda era Colônia, o processo de desenvolvimento industrial no Brasil foi iniciado de forma tímida e quiçá tardia, a partir do século XIX³, caracterizado pelo início de infraestrutura e investimento no setor industrial do país (Novais; 2000; Cardoso, 2004). A industrialização no Brasil aconteceu em diferentes fases e formas, ao longo de sua história enquanto nação, distintamente em cada região do vasto território brasileiro, aspectos que modificam até os dias atuais.

O território nacional é extenso, por isso, nos interessa nessa pesquisa delinear aspectos característicos do processo industrial da Bahia e Pernambuco, com atenção a Salvador e Recife, por constituírem berços e locais de instalação da sede e filial da empresa *Fratelli Vita*, respectivamente, a partir do início do século XX, período favorável para o desenvolvimento dessa marca.

Na Bahia, um dos principais aspectos propulsores para a industrialização em maior escala foi por meio de investimentos nos meios de transporte, principalmente a partir de 1845, com incentivos para a concessão de empresas para a instalação de linhas de transporte em Salvador. Em 1860, a capital baiana já contava com linha férrea. As concessões favoreciam empresas estrangeiras, em especial a Inglaterra (De Souza; De Souza; Spinola, 2019, p. 349-350).

A linha férrea na Bahia, tinha como seu ponto zero (ponto inicial) a estação de trem localizada no bairro da Calçada, como é possível perceber na parte inferior da representação da Figura 1. Os trechos da estrada de ferro foram sendo ampliadas, integrando o bairro da Calçada, passando pelos bairros do Subúrbio de Salvador, chegando até o município de Propriá, no limite entre Sergipe e Alagoas. Passando por importantes cidades da Bahia, como Alagoinhas, Santo Amaro da Purificação, Cachoeira, São Félix, Brumado e Juazeiro. Contribui significativamente para integração



regional e escoamento de produtos do Recôncavo Baiano, além do transporte de passageiros⁴ (Castro, 2021, p. 34).

O investimento em transportes, principalmente em linhas ferreas, permitia maior escoamento e distribuição de mercadorias. Além de propiciar maior fluxo de pessoas nas regiões à margem e circundantes às estações de trem. Com isso, o bairro da Calçada, como referenciado anteriormente, tem sua paisagem e realidade social modificada, com a instalação de fábricas, galpões, comércios populares, entre outros. As fábricas foram sendo instaladas na cidade de Salvador, com grande ênfase para a indústria têxtil, o que contribuiu para a elevação da Bahia para o *status* de primeiro centro têxtil do país e, entre os anos de 1890-1901, a 3º maior potência nacional no setor. O que não significava a inexistência de outros setores industriais, como o alimentício, de cigarro, vidreiro, mas foi o ramo têxtil que obteve maior destaque, também devido à produção de algodão no Nordeste brasileiro, atraindo ainda mais o investimento para a capital (Ribeiro, 1981, p. 236).

Uma das regiões que houve investimento fabril em Salvador, foi a Península de Itapagipe, área conhecida popularmente como Cidade Baixa — local onde foi instalada as primeiras fábricas da *Fratelli Vita*, no século XX, até sua definitiva sede no bairro da Calçada, que também pertence à Cidade Baixa —, que possuiu relevante papel como região industrial em Salvador, entre o século XIX e XX, por sua localização estratégica, para escoamento das produções, contribuindo para o desenvolvimento fabril do local. Os aspectos que destacavam a estratégica localização são: terreno plano; águas

³ É importante salientar que a Rainha D. Maria proibiu instalações fabris em território brasileiro, através do Alvará de 1785, alegando que por ser uma colônia de exploração de matéria prima, principalmente no setor agrícola e de minério, a instalação das fábricas geraria um desfalque de mão de obra nos outros setores. Em 1808, com a vinda da Família Real ao Brasil, o Príncipe regente D. João VI revoga o Alvará de 1785, porém o país ainda não possuía estrutura suficiente para construção de fábricas de grande porte.

⁴ Infelizmente, com o passar do tempo houve o fracasso do sistema ferroviário brasileiro, tornando as estações-polos obsoletas. Após o auge, a maioria deu lugar às operações de carga e descarga de mercadorias. Com isso, paulatinamente o percurso foi sendo encurtado até se tornar via férrea completamente urbana, restando a linha de ligação entre os bairros da Calçada e Paripe (Castro, 2021, p. 37), um trajeto de 13,5 quilômetros, composto por dez estações, até 15 de fevereiro de 2021, data do encerramento definitivo do sistema ferroviário, para dar lugar ao sistema de monotrilho, chamado de VLT, que até hoje está em prenúncia de construção.

Figura 1 - Viação Férrea Federal do Leste Brasileiro no Século XIX. Fonte: CENTRO-OESTE, Sd. Apud. Castro, 2021, p. 37.

marítimas calmas e proximidade geográfica à Linha Férrea (a Estação do bairro da Calçada), ao Porto Marítimo, ao bairro do Comércio e ao Centro da cidade, o que facilitava no escoamento e distribuição das mercadorias produzidas (De Souza; De Souza; Spinola, 2019, p. 349-350).

Assim como na Bahia, Pernambuco teve o início de sua industrialização na faixa litorânea, na Região Metropolitana do Recife, com destaque para as fábricas também de tecido, onde seu maior índice de criação foi no fim do século XIX e início do século XX (Gunn; Correia, 2005, p. 20). Assim como em Salvador, a Região Metropolitana do Recife também iniciou seu processo de industrialização pelo transporte ferroviário, inaugurada em 1858 e, embora também possuísse a instauração de outros setores fabris, industrialmente se destacou no ramo têxtil. Gerando novos mercados de produção, consumo e profissional, estimulando o investimento em distintos ramos industriais de empresas nacionais e estrangeiras, bem como a diversificação das manufaturas produzidas.

Salvador e Recife capitais industriais para a economia nordestina, tendo relevante destaque também nacional. O lucro gerado pela abertura das indústrias nessas cidades, estimularam investidores a fundarem empresas diversas nessas localidades. A instalação da *Fratelli Vita* acontece no momento em que a industrialização dava importantes passos e se firmando, principalmente, na confecção de algodão, possibilitando que durante as primeiras décadas de atuação, o público consumisse seus produtos sem grande concorrência direta de outras indústrias de refrigerantes e gasosas. O que possibilitou o “reinado” das produções da *Fratelli Vita*, e estímulo para seus investimentos expansionistas, resultando em quase um século de originalidade e excelência, legando-nos valiosos vestígios industriais de uma época de ouro, ou melhor dizendo, uma época de cristais.

Da fábrica à preservação do patrimônio industrial

O interesse pela pesquisa e defesa do patrimônio industrial surgiu a partir da segunda metade do século XX, na Inglaterra, devido as alterações urbanas que afloraram nesse período, destruindo muitas edificações para a construção de novos empreendimentos. Desse modo, criou-se uma série de iniciativas para inventariar e estudar a arquitetura industrial, como forma de preservar informações e evitar o apagamento completo dessa tipologia de patrimônio.

Inicialmente, as pesquisas relacionadas à temática foram conduzidas pelo professor universitário Donald Dudley, posteriormente a uma publicação em 1955, na revista *The Amateur Historian* por Michael Rix, ressaltando a importância da preservação dos remanescentes industriais, o que trouxe cada vez mais destaque ao tema (Álvarez-Areces, 2008; Oliveira, 2015). Nesse contexto, em 1959 foi realizado o primeiro evento científico com foco na temática (Funari; Tobias, 2017).

Devido a visibilidade que aos poucos a temática foi ganhando, em 2003, a mesma foi incorporada à carta patrimonial de Nizhny Tagil, onde o patrimônio industrial foi conceituado como:

Os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de redefinição, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infraestruturas, assim como os locais onde

se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação (Tagil, 2003, p.3).

Desse modo, podemos salientar que embora o patrimônio industrial seja caracterizado pela cultura material, a memória e relações sociais do contexto industrial se mostram como igualmente importantes no momento de caracterizar um bem como uma representação identitária local, um marco geracional e um bem cultural.

Para o autor Álvarez-Areces, “o patrimônio industrial é um vestígio, um objeto da memória coletiva” (2008, p. 6). Esse ponto é retomado posteriormente pelos Princípios de Dublin, em 2011, ao conceituar o patrimônio industrial como:

O patrimônio industrial abrange os sítios, estruturas, complexos, áreas e paisagens assim como maquinaria, objetos ou documentos relacionados que fornecem evidências dos processos de produção industrial passados ou em desenvolvimento, da extração de matéria-prima, de sua transformação em bens de consumo das infraestruturas de transporte e de energia relacionadas. O patrimônio industrial reflete a profunda conexão entre o ambiente cultural e natural, uma vez que os processos industriais - sejam antigos ou modernos - dependem de fontes naturais de matéria-prima, energia e redes de transporte para produzir e distribuir produtos para outros mercados. Esse patrimônio contempla tanto os bens materiais - imóveis e móveis - quanto as dimensões intangíveis, tais como o conhecimento técnico, a organização do trabalho e dos trabalhadores e o complexo legado social e cultural que moldou a vida de comunidades e provocou grandes mudanças organizacionais em sociedades inteiras e no mundo em geral (Dublin, 2011, p. 2).

A preservação de um patrimônio é feita através de sua conservação, pesquisa e disseminação, o que implica na ideia de sua continuidade e permanência, desse modo, a preservação de um patrimônio industrial se dá tanto na esfera de sua preservação física, através de remanescentes relacionados, quanto na preservação de sua história e legado. Os princípios de Dublin (2011), orientam que para além das pesquisas e registros imagéticos e documentais, também se articule a apresentação e comunicação desse patrimônio, pois a conscientização e compreensão pública e empresarial também fazem parte da conservação do patrimônio.

Levando em consideração que embora a atenção em torno da preservação do patrimônio industrial vem gradativamente ganhado espaço, ainda é um tópico recente e que carece de maior atenção, pesquisa e investimento, a divulgação desse patrimônio de modo mais amplo, seja em meio acadêmico ou não acadêmico, também possui caráter recente. Partindo dessa premissa, Beatriz Kühl em seu artigo *Algumas questões relativas ao patrimônio industrial e à sua preservação* (2010), ressalta a necessidade de se fazer escolhas conscientes, pois, embora seja inviável se conservar tudo, os testemunhos são únicos e irrepetíveis.

Portanto, deve-se inserir nas ações de preservação do patrimônio edificado, a inclusão de sua contextualização como parte da salvaguarda histórica, contribuindo para a conservação não apenas de sua estrutura física, mas da proteção de seu legado e continuidade da memória histórica e identitária de seu entorno. Abordando esse mesmo ponto, Roberta Edelweiss (2016), em seu artigo *Cidade contemporânea, memória e preservação patrimonial: uma interpretação a partir das preeexistências culturais*, entende que a evolução urbana acontece através da preservação do patrimônio

material, assim como a imaterialidade ao qual se está relacionada, englobando a memória coletiva e suas vozes na comunidade.

Quando trazemos esse contexto imaterial, memorial e afetivo para a fábrica *Fratelli Vita*, é notória a relevância cultural e herança patrimonial deixada em ambas as cidades, Salvador e Recife. Para além das gasosas e cristais, a *Fratelli* esteve presente no dia a dia das pessoas, e atualmente permeiam o campo de saudosas lembranças citadas pelos que viveram sua época.

A trajetória da fábrica se entrelaça com a história das duas cidades, o momento de industrialização, urbanização, inserção no mercado e marketing efetivo e afetivo, fizeram com que seu legado industrial fosse valorizado e lembrado, para além de sua tecnologia, arquitetura e produção, estando presente na sociedade como patrimônio industrial, marco memorial e afetivo da sociedade soteropolitana, recifense, e de tantas outras cidades as quais a *Fratelli Vita* espalhou seu legado.

Fratelli Vita: Da Irmandade À Sociedade

“Não se illudam!! nada de imitações
Gazosas?... Só de *Fratelli Vita*
As UNICAS aconselhadas pelos MEDICOS”
(Jornal do Recife, 15 de janeiro de 1927, p. 7).

Impossível contextualizar a história da empresa *Fratelli Vita* sem mencionar a Família Vita, mais especificamente os irmãos Vita, que atuaram não apenas como sócios de uma fábrica de gasosas, e posteriormente garrafas de vidro e cristais, mas também como referência de marketing de vendas, transformando uma empresa familiar em um negócio de referência.

Nascidos no sul da Itália, na cidade de Trecchina, de uma família de oito irmãos, Giuseppe e Francesco Vita, saíram de seu país em busca de oportunidades de trabalho (Arruda, 2014 p. 10, 30; Cappelli, 2010, p. 136). Giuseppe Vita foi para Buenos Aires, depois mudou-se para o Brasil, instalando-se primeiramente na cidade de Santa Luzia de Alagoinha, na Bahia, onde trabalhou como vendedor de artesanato de cobre ambulante, pela ferrovia de percurso Bahia - São Francisco. Entretanto, Giuseppe precisou retornar à Itália para prestar serviço militar, e posteriormente, ao retornar ao Brasil trouxe consigo o irmão Francesco.

Os irmãos chegaram em Salvador em 1889, onde trabalharam como carregadores, garçons, office-boys, com extração de dente e na venda de aparelhos de iluminação, criados por eles mesmos, onde passaram a vendê-los nas cidades do interior do estado, junto com alguns remédios homeopáticos e produtos como chapéus, tecidos e sapatos. Tiveram experiências profissionais bastante diversificadas, ganhando experiência no ramo dos negócios e do empresariado (Albuquerque, 2017, p. 107-108; Benedini, 2013, p.15).

A produção de bebidas alcoólicas e não alcoólicas teve início em 1892, 3 anos após a instalação dos irmãos em Salvador, já com o nome de *Fratelli Vita*, podendo ser traduzido para *Irmãos Vita*. Em 1900, a fábrica foi fundada, inicialmente localizada na Rua Calçada do Bonfim, nº94, na Península de Itapagipe. Dois anos depois, mudou para a Rua Calçada, nº120, no bairro de Roma, e posteriormente, por fim, seguiu para a Rua Barão de Cotegipe, no bairro da Calçada, como apresentado na Figura 2, essas áreas eram localidades situadas na região da Cidade Baixa, em Salvador, Bahia. Em 25 de julho de 1923, o logotipo da *Fratelli Vita* foi registrado na Junta Comercial de



Salvador - JUCEB (Camargo, 2011, p. 169, Arruda, 2014 p. 14, 60, De Souza, De Souza, Spinola, 2019, p. 351).

Apesar da fábrica ser voltada para a produção de bebidas, suas atividades eram diversificadas. Em 1911, foi inaugurada uma sorveteria, iniciando a produção e venda de gelo, e instalado um cinema ao ar livre, com capacidade de 500 pessoas, na parte anterior da fábrica. Porém, o cinema precisou ser fechado em 1919, devido a facilidade com que ocorriam incêndios, devido aos rolos de filme de celulose com o carvão, aplicado na geração de energia, e a quantidade de pessoas que burlavam as regras do estabelecimento, para assistir os filmes de maneira gratuita (Arruda, 2014, p. 16; Camargo, 2011, p. 174).

Com o início da concorrência na Bahia e do lucro de suas produções, os irmãos decidem que é o momento de investir na abertura de uma filial. Desse modo, em 1913, Francesco Vita chega no Recife e abre a filial da fábrica *Fratelli Vita*, inicialmente no bairro da Boa Vista, em um sobrado de 560m² na Rua da Imperatriz, onde o espaço do térreo foi destinado para a atividade fabril e o primeiro andar para moradia do empresário e de sua família. A partir disso, a administração da fábrica sede, em Salvador, ficou a cargo de Giuseppe Vita e seu sobrinho Alfredo Vita, filho de Francesco, e a administração da filial, em Recife, ficou com Francesco e Francisco Sobrino (Arruda, 2014, p.17-18; Albuquerque, 2017, p. 108).

Como afirmado anteriormente, os irmãos Vita procuravam sempre inovar seus negócios, criatividade era a ordem dessa família, e na filial em Recife não foi diferente. Em 1914, quando a fábrica ainda se encontrava no sobrado, na Rua da Imperatriz, houve a adesão de uma máquina de autoatendimento para servir licores, conhaques

Figura 2 - A Fábrica de Salvador em detalhe de anúncio na revista “O Malho”, ano XIII, n. 621, p. 42. Rio de Janeiro, 8 ago. 1914. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Arruda, 2014..

e vermute⁵. O objetivo de alavancar as vendas foi cumprido, porém embora fosse um autoatendimento, com o tempo foi necessário a presença de um segurança, para evitar fraudes no pagamento, impedindo que as moedas fossem retiradas após o depósito na máquina, por meio de uma linha amarrada a um furo na moeda (Arruda, 2014, p. 19).

A capital pernambucana se agradou dos produtos, tanto quanto a população soteropolitan, resultando em um sucesso para a marca, que a fez transferir seu endereço para a Rua da Soledade, nº 1132, no bairro da Soledade, onde permaneceu até sua desativação e posterior demolição. O antigo maquinário não foi reaproveitado, sendo importado novos equipamentos da Europa, a linha telefônica permaneceu a mesma, as linhas de produções alcoólicas cessaram, e assim como no endereço anterior, o proprietário Vita instalou sua residência no primeiro andar. A mudança de endereço, para o bairro da Soledade, influenciou e acelerou o processo de infraestrutura urbanística local, como por exemplo, a ampliação da rua e implantação de calçamento (Arruda, 2014, p. 21-22; Albuquerque, 2017, p. 108-109). As fábricas, além de fabricarem e comercializarem seus negócios de forma diversificada e expansionista, contribuiu também para o desenvolvimento urbano e populacional do entorno de suas localidades.

A fábrica recifense, apresentado na Figura 3, (Arruda, 2014, p. 25-26) passou a chamar ainda mais a atenção da população após reforma ocorrida em 1927, onde foi inserido um relógio que marcava as horas, meias-horas e quartos de hora, adquirido em 1925, por Francesco Vita, em uma de suas visitas à Itália. Porém, o barulho e frequência das badaladas não foram bem aceitas pela vizinhança, gerando a necessidade de ajustar o relógio para sinalizar apenas as horas. Além do relógio, a fábrica também ganhou uma torre, com 4 garrafas de 2m, obedecendo a estética das produzidas pela fábrica, situadas em cada extremidade da torre — o marketing já iniciava na própria arquitetura. A fábrica, sede e sua filial, possuía em sua fachada a frase *La Salute e L'Igiene*, traduzido do italiano para “A Saúde e a Higiene”, com o intuito de servir como lembrete e incentivo aos funcionários a manter as práticas de higiene, além da propaganda chave da qualidade e limpeza de todo o processo na fabricação dos produtos.

A popularidade da empresa refletiu no aumento de suas vendas e consequentemente na contratação de funcionários. No início, a fábrica recifense localizada no bairro da Soledade, possuía 50 funcionários e sua produção mensal era de 100.000 refrigerantes, em comparação a 40.000 de outras bebidas. Posteriormente, em 1967, a fábrica pernambucana já possuía 200 funcionários, com um espaço de 10 hectares e 5.000m² de área construída. A fábrica de Salvador continha 500 funcionários e produzia cerca de 150.000.000 garrafas ao ano (Arruda, 2014, p. 22, 62).

Francesco Vita, aproveitando o início do transporte do bonde elétrico, em 1914, e toda a novidade e curiosidade que despertava na população, colocou cartazes da *Fratelli Vita* no interior desses veículos. Outra estratégia utilizada em Recife, foi a pintura de anúncios nas margens do rio Capibaribe, estrategicamente nos ângulos fotografados para cartões postais. Outra tática interessante foi a pintura de anúncios posicionados estrategicamente nos pontos turísticos fotografados para cartões postais, como o Elevador Lacerda, em Salvador, e Rua da Aurora, em Recife (Arruda, 2014, p. 30-32).

Desde 1920, a empresa além de fazer doações para instituições sociais, também recebia visita de escolas na fábrica, doava refrigerantes para festas religiosas, premiava com medalhas e troféus competições esportivas, o que além de tornar o



refrigerante um produto querido e popular, tornou-se um marketing social da empresa bastante eficiente. Embora seu marketing tenha sido bastante marcante, em 1927 a divulgação de um anúncio com conteúdo racista foi denunciado e teve sua circulação proibida (Arruda, 2014, p. 30, 57, 59).

Em 1940, um erro ortográfico em seu anúncio gerou polêmica, o cartaz retrata uma barraca no deserto escrito “dê-me *resfrescos Fratelli Vita*”, com o vendedor e o cliente se arrastando na areia. O erro de ortografia chamou atenção e ganhou destaque no jornal, pelo cronista Mário Melo, mas ao invés de corrigirem, preferiram continuar e divulgar o cartaz para que chamassem ainda mais atenção para a empresa, provendo assim uma inusitada ação de marketing (Arruda, 2014, p. 58).

Com o surgimento da telefonia e sua disseminação — embora não necessariamente signifique maior acessibilidade, considerando que era uma tecnologia restrita a poucos —, a empresa também aplicou anúncios mais incisivos, tanto nas notas de indicadores telefônicos, quanto em jornais, alegando os benefícios do consumo dos produtos da *Fratelli Vita*.

Anúncios em revistas e participação em exposições também eram bastante comuns. A *Fratelli Vita* patrocinava o cinema local, em troca, a empresa tinha aparições sutis nos audiovisuais produzidos, como por exemplo, frase no balcão do cenário. A partir de 1924, os anúncios nas rádios, em especial na rádio pernambucana Rádio Clube, também fez parte das ações de comunicação da *Fratelli*, que além de frases, passou a utilizar diálogos e *jingles* como parte dos anúncios (Arruda, 2014, p. 33, 35 e 43).

A empresa também estava presente em momentos marcantes e históricos, como ao receber, no dia 8 de junho de 1927, o comandante e copiloto, João Ribeiro de Barros e João Negrão, do voo da primeira travessia aérea sem escalas do Atlântico Sul, realizado no dia 6 de junho de 1927, no hidroavião Jagu. Durante a visita eles conheceram os

Figura 3 - O prédio recém-reformado da fábrica na Soledade, com Francesco Vita no medalhão, em matéria no jornal “A Província”, ano LVI, n. 299, p. 10. Recife, 25 dez. 1927. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional, Arruda, 2014...

⁵ Variação de vinho

equipamentos da fábrica, provaram do Guaraná *Fratelli Vita* e receberam um cheque arrecadado dos funcionários da fábrica, no valor de 1:630\$500 (um conto, seiscentos e trinta mil e quinhentos réis), como forma de homenagem (Arruda, 2014, p. 37).

Em 22 de maio de 1930, houve o pouso do Zeppelin na cidade do Recife, que fazia seu primeiro voo na América do Sul, com destino ao Rio de Janeiro e depois Nova York. O que para a *Fratelli Vita* significava mais uma oportunidade publicitária. A empresa presenteou os 45 tripulantes e 20 passageiros com refrigerantes e água tônica. Além da distribuição de panfletos, durante o pouso, que continha a imagem do comandante do Zeppelin, Hugo Ekner, dando-lhes as boas-vindas ao Estado, em nome da empresa. Para sua próxima parada no Rio de Janeiro, além do abastecimento de combustível e alimentos, houve uma encomenda de 2.000 kg do Gelo Polar (Arruda, 2014, p. 40). Em 1942, período da Segunda Guerra Mundial, não só a *Fratelli Vita* como outras empresas de descendência italiana sofreu com ataques vandalistas, devido à participação da Itália no Eixo, o que não significava que os empresários das empresas atacadas também compactuassem com tal situação (Benedini, 2013, p. 16). Devido a Guerra e ao posicionamento que o Brasil havia tomado, o país sofreu ataques dos países do Eixo, incluindo o naufrágio de navios fornecedores de produtos utilizados na produção de várias mercadorias, incluindo as bebidas da *Fratelli Vita*.

Além dos malefícios da guerra às produções nacionais, que dependiam da exportação de manufaturas, outros aspectos comerciais influíram significativamente no mercado nacional, com a maior concorrência com produtos estrangeiros. A chegada da *Coca-Cola* ao Brasil, se instalando primeiramente no Recife em 1941, na fábrica que hoje pertence a Santa Clara, enquanto a fábrica sede no Rio de Janeiro era construída, contribuiu além da concorrência, para a própria "confusão" por parte dos consumidores. Inicialmente os consumidores confundiram a *Coca-Cola* com um lançamento da *Fratelli Vita*, o equívoco não abalou as vendas da empresa nacional, porém, os fizeram investir mais pesadamente em marketing e patrocinar cada vez mais eventos populares. Como por exemplo, em 29 de janeiro de 1951, quando a *Fratelli Vita* levou o frevo recifense para Salvador, apresentando o Clube Carnavalesco Misto Vassourinhas e reunindo cerca de 100.000 pessoas. A *Fratelli Vita* também patrocinou agremiações carnavalescas, desfilando em carros e fazendo promoções, patrocinou o Trio Elétrico Dodô e Osmar, entre 1952 e 1957, na Bahia (Souza, 2006, p. 17; De Lacerda, 2013, p. 97; Moura, 2014, p. 106).

O autor Gustavo Arruda (2014, p. 65-66), pontuou seis fatores que colaboraram para a adesão lenta dos nordestinos a *Coca-cola*, sendo eles: ser um produto desconhecido, pois a *Fratelli Vita* estava a mais tempo no mercado; o sabor incomum, onde tanto o gosto quanto excesso de gás e coloração provocou estranheza no público; a necessidade de refrigeração; a composição duvidosa, pois o mistério envolto em sua fórmula gerava questionamentos se o produto poderia ou não fazer bem a saúde; o patriotismo brasileiro, pois se tratava de um produto internacional e; o fato de possuir apenas uma opção de sabor no mercado brasileiro, não investindo em variedade. E a preferência pelo público pela *Fratelli Vita* se dava devido: ao tradicionalismo, pois era um produto antigo no mercado; o sabor suave, doce e com menos gás; a temperatura não influenciar no consumo; a composição ser divulgada abertamente; ser um produto nacional e; possuir uma variedade de sabores.

Foi durante a década de 1960, que a *Fratelli Vita* começou a publicar comerciais na televisão. Os comerciais eram trocados a cada dois ou três meses. Além de exibir comerciais na TV Jornal e TV-Rádio Clube, a *Fratelli Vita* possuía um programa na TV-Rádio Clube, que ia ao ar aos domingos, de 1960 a 1965, das 17h às 18h, chamado *Cirquinho Fratelli Vita*, onde eram televisionadas atrações circenses, além de duas garrafas grandes da marca que faziam parte do cenário, eram distribuídos refrigerantes

da empresa para as crianças da plateia. Também patrocinou eventos como Miss Bahia, em 1954, a Olimpíada Baiana de Primavera, nos anos de 1957 e 1958, a Travessia Mar Grande-Salvador, nos anos de 1958 e 1965, a apresentação de patinação no gelo *Holiday on Ice*, em 1960 (Arruda, 2014, p. 63; Bahia, 2017, p. 28).

De nada adiantaria massivo investimento em marketing e divulgação se o produto alvo não tivesse qualidade. Sendo fatores determinantes que contribuíram para o sucesso da marca: o sabor diferenciado, as opções variadas e a própria estética no recipiente. Tudo era pensado, desde a embalagem ao conteúdo, além claro da propaganda, popularmente conhecida como a "marca do negócio".

Da fabricação à venda: bebidas, gasosas, entre outros

A fabricação de bebidas, inicialmente era focada na produção de água tônica⁶ e bebidas alcoólicas como *gengibriras*⁷, vinhos, conhaques e licores, que adquiriu prêmios em feiras de exposição, entre 1905 e 1910. Apesar do reconhecimento, o mercado consumidor passava por um momento desfavorável para a inserção de bebidas alcoólicas, devido a influência religiosa que restringia o consumo desse tipo de bebida. Desse modo, a partir de 1907, o investimento na produção de bebidas não alcoólicas passou a ser cada vez maior, destacando a fabricação de gasosas, nos sabores de uva, maçã, cereja, ameixa, limão, pera e morango, lançando em 1910, o sabor guaraná. O novo sabor continha a estampa de uma representação de um indígena em seu rótulo, para relacionar a fruta à cultura indígena, além da relação à ideia nacionalista (Arruda, 2014, p. 14-15; Albuquerque, 2017, p. 108).

Embora a produção de bebidas alcoólicas tivesse cessado, a produção de novas bebidas não alcoólicas, já existentes antes da abertura da filial, que serviriam como acompanhamento para mistura com bebidas alcoólicas, continuou. Sendo elas a *Victoria Soda*, água mineral com sais de origem francesa; a *tonic water*, água tônica para acompanhar gim e campari; a *alpina*, água tônica para acompanhar whisky ou vermute, produzida desde 1914; a *siphões*, também utilizada para acompanhar whisky; a *ginger ale soda water*, água gaseificada, acompanhamento de bebida alcoólica.

Houve produção de bebidas para serem ingeridas sem precisar ser misturada, como o caso da chamada laranjada especial, que utilizava laranjas Bahia e do suco de cerejas *pasco*, importada dos Estados Unidos, o suco de uva *Sucuva*, em 1912, o guaraná *Guaranina*, em 1928, limonada de limão siciliano *Citrus*, em 1925, e o Guaraná Seco, em 1929. Em 1921, foi lançada uma cerveja sem álcool chamada de *Cervejinha*, e em 1928, foi lançada a outra cerveja sem álcool *Malt-Vita*. Registraram a marca *Kola-Koca*, em 1927, e a *Vita-cola*, em 1963. Embora toda a variedade citada, os sabores que faziam sucesso, principalmente em Pernambuco, foram os sabores de maçã, limão e pêssego (Albuquerque, 2017, p. 109; Arruda, 2014, p. 22).

Em 1950, com a instalação da *The Orange Crush Company* na Bahia, com o refrigerante sabor laranja, estimulou a *Fratelli Vita* a criar uma bebida no mesmo sabor, dando o nome de *Sukita*, como junção de suco de laranja e *Vita*, para disputar com a concorrência (Arruda, 2014, p. 75). Buscando a inovação, em 1958, foi lançado o refrigerante *diet*, chamado *Dita*, da junção de *diet* e *Vita*, porém a bebida não pode seguir no mercado devido a acusação de que o adoçante utilizado seria cancerígeno. Posteriormente, com o avanço dos estudos, foi comprovado que o adoçante não teria

⁶ Sendo a primeira do Brasil a introduzir a quinina, um produto extraído da planta quina, importada da Inglaterra (Arruda, 2014, p. 14).

⁷ Cerveja com fermentação do gengibre.

esse efeito colateral, e passou a ser adotado por outras empresas (Arruda, 2014, p. 51).

Embora seus produtos fossem um sucesso, no ano de 1969, o Guaraná *Fratelli Vita* era o segundo mais vendido em Salvador, perdendo para a *Coca-Cola*, por uma diferença de 200.000 vendas (Arruda, 2014, p. 62). Porém, nem todos seus lançamentos se popularizaram, como em 1972, durante a II Exposição do Progresso Industrial do Nordeste, houve o lançamento da *Dicafé Vita*, um refrigerante à base de café, que devido ao costume de se ingerir café quente, a bebida inicialmente vendida no Recife, não atingiu a estimativa de venda esperada (Arruda, 2014, p. 69).

Para além da qualidade de seus produtos, o marketing e divulgação da *Fratelli Vita*, fizeram com que sua produção se tornasse popular e presente na vida e memória das pessoas. Além da realização de fabricações próprias de alguns materiais ao invés da terceirização, evitando a dependência de fornecedores, o que acarretou também na venda desses produtos para outras empresas.

Ambas as fábricas, sede e filial, contavam com uma serralharia, para a montagem e pintura dos engradados utilizados na fábrica e gráfica, responsáveis pela impressão dos rótulos dos refrigerantes, notas fiscais e itens de marketing: como pôster, cartaz, panfleto, etc. Visando a ampliação da divulgação de seus produtos, a gráfica também imprimia capas de revista, filipetas e prospectos de cinema de forma gratuita, inserindo na impressão frases como: “Beba Guaraná *Fratelli Vita*” (Arruda, 2014, p. 23-24), tais anúncios poderiam vir associados à imagens com apelo afetivo ao público (Cavalcante, 2014, p. 87).

Em 1925, a empresa passou a desenvolver tampinhas metálicas para abastecer suas fábricas, utilizando 3.000.000 unidades para uso interno e vendendo 15.000 para outras empresas. Eram produzidas com folhas de flandres, adquiridas nas sobras das embalagens de uma fábrica de doces, na cidade de Pesqueira-PE, porém com o tempo a confecção de tampinhas da *Fratelli* foi encerrada. Posteriormente, em 1929, foi criada a fábrica de gelo, chamada de Gelo Polar, que vendia seu produto para outras fábricas e também de porta em porta para o público geral, onde o gelo ficava envolto do pó de serra para sua conservação. O marketing utilizado para Gelo Polar colocava o produto como “O mais higiênico, cristalino, resistente e puro, produzido com água filtrada” (Arruda, 2014, p. 23).

Na segunda metade da década de 1940, Miguel Vita, filho de Francesco Vita, através do financiamento do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários - IAPI, conseguiu que fossem feitas casas de dois a três quartos para funcionários da *Fratelli Vita*, no bairro do Cordeiro, nas ruas D. José Pereira Alves e Áureo Xavier, em Recife. Os funcionários também tinham acesso à assistência de saúde e para a família, seguro de vida, direitos trabalhistas e lazer através do “Centro Sportivo *Fratelli Vita*” (Arruda, 2014, p. 48).

Com o falecimento dos irmãos e fundadores Vita, a empresa nunca mais seria a mesma — Francesco Vita faleceu em 13 de novembro de 1944, e Giuseppe Vita em 7 de julho de 1953 —, mesmo tendo resistido e até expandido durante algumas décadas antes do encerramento total.

Em 1 de agosto de 1964, Romano Farsoun foi contratado como gerente de vendas da *Fratelli Vita*, sendo um de seus primeiros feitos, trocar todo o maquinário, que em sua opinião não suportaria a demanda, e lançou os sabores de maçã e pera. Implantou depósitos nas áreas do agreste de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, onde em 1967, já possuía depósitos nas cidades de Caruaru, João Pessoa, Campina

Grande e Natal, também distribuidoras em Garanhuns, Vitória de Santo Antão Limoeiro, Pesqueira, entre outros. Em 1965, a empresa lançou brindes: como abridores de garrafa, chaveiros, bandejas, etc. e prêmios como rádios de pilha, faqueiros, bicicletas e geladeiras. As informações dos brindes ficavam na parte interna da tampa. Com o sucesso da promoção na capital pernambucana, a promoção também foi implantada na matriz em Salvador, em 1966, com prêmios de 11 automóveis, bicicletas, bonecas, bolas e viagens, para fazer frente a concorrente *Coca-Cola*, que também estava sorteando automóveis (Arruda, 2014, p. 55-56 e 62).

Um fator crucial para a expansão e crescimento das produções e vendas da *Fratelli Vita*, era a autonomia na fabricação de seus próprios recipientes, o que também fazia se destacar no mercado, por suas embalagens diferenciadas das demais concorrentes. A fabricação própria, ocorreu por resultado da dificuldade de importação do vidro durante o período da I Guerra Mundial (1914-1918), vindas da Europa. A solução encontrada para permanecer com a originalidade e rapidez nas entregas foi a criação de um forno para fabricação de suas próprias embalagens. A sede de Salvador passou a criar suas embalagens de vidro, que abasteciam a filial e eram finalizadas localmente (Arruda, 2014, p. 20; Camargo, 2011, p. 181). Esse fator, além de propiciar maior autonomia na fabricação das embalagens e no aprimoramento de sua estética, foi o estímulo motriz para o início da confecção de peças consideradas e vendidas como de luxo, os icônicos e inigualáveis cristais *Fratelli Vita*.

Do vidro ao esplendor da obra de arte: cristais Fratelli Vita

Com a consolidação das bebidas na indústria alimentícia, principalmente as gasosas, produzidas pelas fábricas da *Fratelli Vita*, além da fabricação própria dos recipientes em vidro, novos voos foram alcançados e desafiados por seus proprietários — presidido por Giuseppe Vita. A arte de agradar ao paladar não foi suficiente, outros sentidos precisavam ser estimulados, mas qual nova arte seria desafiada, além da alimentar? A *Fratelli Vita* parecia ter o dom de transformar em ouro tudo que se propunha a produzir, se não bastasse a relevância pela qualidade e inovação das bebidas, diferenciavam-se das demais concorrentes nas embalagens. A diversificação das embalagens da empresa no mercado passou a ser de fabricação autoral, aguçando ainda mais a originalidade e a atenção com os detalhes.

Resultante da experiência, originalidade e detalhes na fabricação dos vidros, Giuseppe Vita estimulava-se à expertise para a arte de produzir cristais, que também se destacam, dessa vez no mercado de arte nacional e internacional, “[...] a produção dos melhores cristais do mundo. Para ele [Giuseppe], não havia meio termo. O que fazia teria que ser obrigatoriamente o melhor” (O Esplendor, 2000, p. 5).

A relevância e prestígio no requinte da produção de cristais era até então atribuídas quase que exclusivamente à Europa, mas na Bahia do início do século XX, com os cristais *Fratelli Vita*, a manufatura adquiriu relevante notoriedade em território brasileiro e estrangeiro.

A produção dos cristais se deu de forma totalmente artesanal na fábrica de Salvador. A inspiração para o processo artístico da criação dos cristais foi resultante da genialidade do fundador Giuseppe Vita, que pesquisou, estudou em livros estrangeiros e testou com dedicação e afinco para a construção dos equipamentos necessários, como fornos de altíssimas temperaturas, e o desenvolvimento da composição de fórmulas, bem como a formação e qualificação de profissionais fundidores e lapidadores (O Esplendor, 2000, p. 5).

A partir de 1920, Giuseppe Vita começa a fabricar as peças “de excelente sonoridade”, chegando a ganhar premiações pela qualidade dos cristais. A qualidade e a técnica na produção foram aprimoradas pelos descendentes da família Vita, apresentando “técnica impecável e estilo de lapidação próprio”, havendo “clara identidade desde a fórmula até a decoração” (Museu, 2000, p. 6).

Variadas foram as peças fabricadas pela *Fratelli Vita*, adquirindo com isso, reconhecimento e validação internacional enquanto peças de luxo, chegando a serem enaltecidos e comparados aos cristais franceses *Baccarat*. Os cristais da *Fratelli Vita* foram produzidos em diversidades de utensílios de mesa, *toilette* e decoração, peças como copos, taças, garrafas, licoreiras, compoteiras, poncheiras, bandejas, frascos, saboneteiras, pesos de papel, cinzeiros, jarros, puxadores, maçanetas, entre outros.

Na época era quase que “obrigatório” que as famílias burguesas da Bahia tivessem em seus aparelhos de jantar peças lapidadas ao sabor dos cristais *Fratelli Vita*, que possuíam aspectos estéticos e formas caracteristicamente baianos (O Esplendor, 2000, p. 3). De certo, que a manufatura da *Fratelli Vita* não era para todos os bolsos, referenciando custar valores que restringia quais eram as famílias que possuíam poder de compra para tais aquisições, estando nas mesas das residências de pequena parcela da sociedade baiana da época, economicamente privilegiadas.

Na década de 1950 foi confeccionado um catálogo que apresentava onze padrões decorativos definidos de lapidações, representando o significativo avanço no *design* gráfico e artísticos das peças, criando verdadeiras obras de arte, como é perceptível na apresentação dos padrões decorativos dos Serviços Xadrez e Diplomata da Figura 4 (MUSEU, 2000, p. 8). Os padrões são: Bandeirante; Borboleta; Girassol; Lincoln; Amazonas; Xadrez; Costalino; Diplomata; Guanabara; Rotary e Brasília, sendo este último dentre os mais raros padrões (O Esplendor, 2000, p. 16).

A qualidade não era a única referência de prestígio dos cristais *Fratelli Vita*, as ações de marketing da empresa era outro destaque que dava significativa relevância e disseminação para as produções das fabricas, atingindo variedade de camadas sociais e econômicas, das gasosas e vidros aos cristais. Criativamente personalidades de destaque estampavam as revistas e jornais bebendo as gasosas e segurando os cristais *Fratelli Vita*, a exemplo das misses Martha Rocha e Terezinha Morango. Brindes ao tilintar de taças de fino cristal, num ambiente impregnado pelo sabor do *champagne* ou da gasosa.

Apesar da qualidade e relevância alcançadas pelos cristais *Fratelli Vita*, não foi impedimento, infelizmente, para que em 1962 as produções dos cristais fossem encerradas, provavelmente por questões econômicas das empresas, devida a ampliação da industrialização e dos novos concorrentes para as bebidas, o que demandava investimento maior para a prosperidade da marca, algo que não foi concordância por parte dos acionistas (Arruda, 2014, p. 69), influindo diretamente na continuidade de investimento na manufatura dos cristais, possivelmente. Encerrava-se assim, paralelamente, “seus dias de fausto e de glória, veio o esquecimento” (O Esplendor, 2000, p. 3).

Apesar do encerramento das atividades e produções, a marca e os produtos *Fratelli Vita* continuam na memória afetiva e gustativa de muitos baianos e pernambucanos. A *Fratelli*, assim como suas produções de bebidas, vidros e cristais, este último alcançando entre as décadas de 1950 e 1960 prestígio internacional, estão “indissoluvelmente ligado[s] à história industrial da Bahia”, é inegavelmente “patrimônio da Bahia” (Museu, 2000, p. 11). Hoje, os cristais *Fratelli Vita* são artigos raros, verdadeiras joias

da manufatura baiana⁸, itens de desejo de colecionadores e admiradores no geral, cobiçados no mercado de arte.

O cessar das engrenagens: encerramento das atividades fabris

O encerramento das atividades se deu de modo gradual e atrelado a diversos fatores. Os avanços tecnológicos ao mesmo tempo que favoreciam o consumo do produto, abriam as portas para novas concorrência e demandava cada vez mais investimentos aos que já estavam inseridos no mercado. No caso da *Fratelli*, o fato de ser uma empresa familiar, cuja única fonte de renda era a fábrica, tornava a situação delicada e definitiva, quando se tratava de divergências quanto a investimentos ou mesmo opiniões quanto a novos rumos (Arruda, 2016, p. 69).

Após o falecimento de Francesco Vita, sua esposa passou a ser a maior acionista individual da empresa e se posicionava contra a venda da fábrica, sua morte abriu a possibilidade de venda de suas ações, maquinário da fábrica e imóveis para a Brahma, no dia 24 de outubro de 1972 (Arruda, 2014, p. 70). Porém, pouco tempo após essa transação, a prefeitura recifense decretou uma lei que proibia atividades de caráter industrial no centro da cidade, o que resultou no loteamento da edificação recifense para a venda do imóvel, e culminando na venda do imóvel em Salvador. (Arruda, 2014, p 70-72).

Embora a marca tenha sido vendida para a Brahma, o *design* e logotipo foram mantidos e alguns produtos também, como o Guaraná *Fratelli Vita* e a Gasosa de Limão *Fratelli Vita* permaneceram sendo produzidos por cerca de 10 anos. Porém, com a mudança de acionistas e consequentemente de gestão, as alterações dos sabores das bebidas não agradavam muito ao público, que reclamavam das alterações. A posterior fusão entre a Brahma e a Antártica, resultou na AMBEV, que relançou o refrigerante de laranja Sukita (Arruda, 2014, p 74-75). Mas infelizmente, com o passar do tempo, tanto as produções foram em parte descontinuadas quanto o rótulo da *Fratelli* não estampava mais os produtos.

Da produção à patrimonialização: o legado e a resistência ao esquecimento

A *Fratelli Vita* não foi somente uma indústria, suas produções, marcadas pela originalidade e qualidade, foram significativas para diversas famílias, ocupando as mesas nas refeições de muitas residências e integrando suas vidas cotidianas, através da popularização de suas bebidas nas autorais embalagens de vidro. Muitos também, eram os aparelhos de jantar de famílias burguesas que eram compostos pelos cristais *Fratelli Vita*. Os produtos da *Fratelli* ocupavam estratos sociais distintos, estando ainda hoje na memória de vários baianos e pernambucanos, resistindo nos dias atuais. Entretanto, a preservação desse legado, infelizmente, parece não ocupar na prática, o espaço que deveria nos projetos institucionais de salvaguarda e preservação do patrimônio cultural de Pernambuco e da Bahia.

Infelizmente o único remanescente do legado da *Fratelli Vita* patrimonializado oficialmente, está sob tutela do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia – IPAC, que é a edificação principal da antiga Fábrica *Fratelli Vita*, e terrenos contíguos,

⁸ É característico das produções de cristais a não inserção de marcas de autoria nas próprias peças, apenas etiquetas de papel, o que dificulta a atribuição de autoria da *Fratelli Vita*, o que pode limitar a noção da dimensão da preservação dessas obras em coleções particulares ou institucionais. Por isso, fatores e particularidades técnico-decorativas são considerados pelos *expertises* na sua identificação, com apoio referencial do catálogo fabricado pela própria *Fratelli Vita*, que apresenta modelos e padrões decorativos (Museu, 2000, p. 5).

Figura 7 - Padrão decorativo dos cristais Fratelli Vita. Fonte: O esplendor do vidro. cristais Fratelli Vita, catálogo da exposição temporária, 2000.



datada do início de 1900, localizada na Rua Barão de Cotegipe, no bairro da Calçada, em Salvador, tombada em âmbito estadual em 05 de novembro de 2002, Decreto nº 8.357/2002⁹. Mas que até sua oficialização enquanto patrimônio industrial tombado, passou por largo período de esquecimento e abandono, atualmente apresentando estrutura conservada, como é visível na representação da fachada da antiga fábrica na Figura 5.

Após o fechamento e encerramento das atividades da empresa, a fábrica *Fratelli Vita* em Salvador, seu terreno e edificação, ficou período significativo sem uso, resultando em falta de manutenção e consequentemente em sua deterioração, devido ao abandono. Mesmo sendo tombado em 2002, a continuidade do processo de degradação do terreno e do prédio perdurou. Somente em 2006, com o terreno da fábrica já em ruínas, houve um projeto de intervenção de arte visual contemporânea, cuja proposta curatorial era pensar as “ruínas como um espaço em potencial para gerar e abrigar poéticas artísticas e promover reflexões conceituais sobre arte e Cidade” (Gordilho, 2009, p. 18), essa ação artística resultou na publicação de um livro intitulado *Ruínas Fratelli Vita: intervenções. Teoria e técnicas de processos artísticos* (Gordilho, 2009). O Centro Universitário Estácio da Bahia (Estácio FIB), ainda em 2006, iniciou o processo de aquisição do terreno e do edifício principal da antiga fábrica *Fratelli Vita*, já tombado pelo IPAC. A arquitetura passou por etapas de restauração, reformas e adaptação para abrigar a nova instituição de ensino, o campus universitário no local iniciou seu funcionamento em 2007. As atividades desse campus universitário da Estácio FIB foram encerradas no segundo semestre de 2022, por diversos problemas resultantes da pandemia, o que culminou na nova etapa de desocupação da antiga fábrica *Fratelli Vita*. Atualmente não sabe-se ao certo quais serão as futuras destinações ao prédio,

⁹ Dados sobre o tombamento cf. Sistema de Informações do Patrimônio Cultural da Bahia - SIPAC <http://patrimonio.ipac.ba.gov.br/bem/antiga-fabrica-Fratelli-vita/>



antes que o estado de degradação volte a ocupar sua estrutura e o esquecimento seja sua realidade novamente.

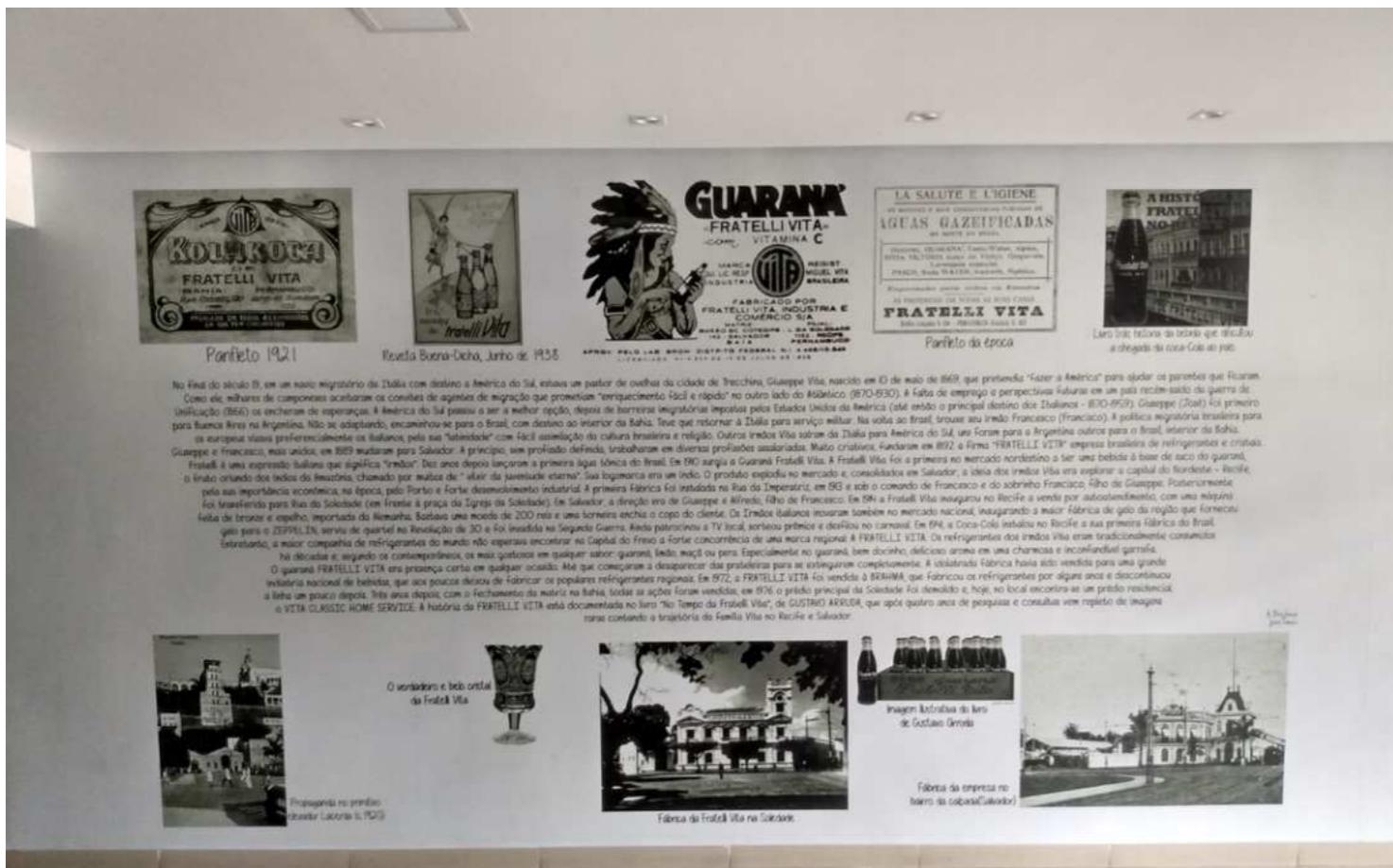
Embora restaurada, a edificação não foi devidamente contextualizada ao seu título de patrimônio industrial, com placa de informações em sua fachada por exemplo, tornando-se para muitos transeuntes, um monumento histórico sem seu informativo identitário para integrar seu passado ao presente, as pessoas à historicidade local e, a edificação ao contexto de seu legado fabril, pertencente ao patrimônio industrial da cidade de Salvador, com relevante destaque socioeconômico e cultural da época. Mesmo assim, a estrutura pertencente a antiga fábrica continuou e continua sendo um ponto de referência aos que conheceram e consumiram seus produtos, reacendendo lembranças e memórias dos que conheceram, e curiosidade aos que passam e desconhecem sua função e trajetória enquanto antiga fábrica *Fratelli Vita*.

A *Fratelli Vita* é considerada “um dos ícones baianos do século XX, com a produção de cristais e refrigerantes que marcaram o imaginário de várias gerações de baianos” (Cristais, 2010, p. 4). Infelizmente, com o encerramento de suas atividades e produções, a lapidação de seus cristais também foi finalizada, “quem adquiriu possui, quem não adquiriu, não pode ter mais”, só comprando em restritos e pontuais leilões que esporadicamente apresentam pequeniníssimos lotes dos cristais, quase sempre sendo o conjunto incompleto.

Atualmente os cristais existentes ocupam majoritariamente os restritos espaços das coleções particulares e alguns poucos antiquários. Foi preservada parcela do conjunto de cristais na coleção particular da família Vita, que resultou em pontuais exibições públicas, em exposições temporárias em instituições culturais e museológicas. Em 2000, por exemplo, ocorreu a exposição temporária “O esplendor do vidro”, no Museu Carlos Costa Pinto, em Salvador e na Pinacoteca de São Paulo, e em 2010, a mostra

Figura 8 - Fábrica da Fratelli Vita, em Salvador, nos dias atuais. Fonte: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Figura 9 - Painel sobre a história da Fratelli Vita. Fonte: Autora Amanda de Lima C. Pestana, 2025.



"Cristais Fratelli Vita: a indústria da perfeição", ocorreu na Federação de Indústrias do Estado da Bahia – FIEB (O Esplendor, 2000; Museu, 2000; Cristais, 2010).

Mas existem pontuais musealizações desses preciosos cristais. Como no Museu Carlos Costa Pinto, que preserva em seu acervo puxadores de cristais da *Fratelli Vita*, que estão nas principais portas da instituição. Contudo, não sabemos de outros museus com obras da *Fratelli Vita* em suas coleções, sendo uma pesquisa que ainda carece de maior mapeamento e identificação.

No Recife, a filial da fábrica *Fratelli Vita*, após anos de abandono e ruínas foi demolida para a construção de um edifício, que homenageou a memória da antiga fábrica e o sobrenome dos irmãos, o condomínio *Vita Classic*, que possui em seu *hall* um painel histórico com imagens e aspectos biográficos dos irmãos Vita, as fábricas, seus produtos e participações em momentos importantes da história recifense, produzido por A. Bruckman Jairo Tomáz, como é perceptível no registro do painel na Figura 6. O edifício possui também no jardim de acesso à entrada do prédio, uma escultura contemporânea que representa um homem indígena, fazendo referência direta ao signo do antigo rótulo do refrigerante das bebidas da *Fratelli Vita*, mostrada na Figura 7, porém a obra não possui assinatura de autoria, e no terreno que pertenceu a fábrica não há mais nenhum remanescente industrial da época.

Em 2014, foi lançado o livro *A história da Fratelli Vita no Recife*, de Gustavo Arruda, principal fonte de nossa contextualização. A publicação do livro é resultado de pesquisas sobre a trajetória da marca nas capitais pernambucana e baiana, com maior ênfase para Recife. Arruda (2014) em seu livro, também traz o saudosismo e memória afetiva de algumas pessoas mais antigas, principalmente soteropolitanas e recifenses, em relação às bebidas da *Fratelli Vita*. Como forma de homenagem aos irmãos Vita no Recife, foram nomeadas duas ruas com seus nomes de forma "aportuguesada", sendo



Figura 10 - Escultura do Edifício Vita Classic. Fonte: Autora Amanda de Lima C. Pestana, 2025.

elas a rua Francisco Vita, no bairro do Cordeiro, e a rua Comendador José Vita, no bairro de San Martin.

Quanto ao legado alimentício das bebidas, esse patrimônio culinário baiano e pernambucano, deixou de ocupar a esfera somente do saudosismo, sendo em 2022 o ano de retomada da produção e venda de refrigerantes, agora chamada Família Vita¹⁰, gerenciado pelos descendentes de Giuseppe e Francesco, com a receita original preservada, aguçando a memória gustativa de muitas pessoas contemporâneas à época da empresa. Os refrigerantes contemporaneamente ganharam nova roupagem, sendo produzidos em menor escala e em recipientes de plásticos, com logo que faz referência à antiga marca. Os refrigerantes são fabricados no Recife, distribuídas na própria cidade e em Salvador, Bezerros-PE e Maragogi-AL, nos sabores maçã, pera, guaraná e açaí, e estão se expandindo paulatinamente. É possível adquirir para consumo próprio, ou se tornar revendedor(a) ou fornecedor(a), entrando em contato com a empresa através de sua página, na rede social do Instagram¹¹.

Considerações finais, como resistência ao esquecimento

A antiga fábrica da *Fratelli Vita* em Salvador, foi institucionalmente tombada pelo IPAC em 2002. Porém, percebemos a urgente necessidade de registros e/ou tombamentos de outros legados culturais produzidos pela *Fratelli Vita*, aqui abordados, para sua salvaguarda, por sua relevância e significado para a história e memória da sociedade baiana e pernambucana. A aquisição de exemplares das peças de cristais por museus,

10 Os descendentes da família Vita disputam judicialmente com a AMBEV pelos direitos de utilização e comercialização do guaraná com o nome original da marca, a *Fratelli Vita*.

11 O Instagram é @guaranafamiliafratellivita.

principalmente os públicos, seja por meio de doação ou compra, o registro da receita da bebida *Fratelli Vita* enquanto patrimônio imaterial, são algumas das variadas possibilidades de resistências, existência e preservação dessa herança enquanto patrimônio industrial.

Outros exemplos, a *Fratelli Vita* legou-nos a produção de sua gasosa que voltou a ser fabricada, em menor escala de produção e distribuição, que continua na memória afetiva de muitos lares e lembranças de muitas pessoas. O trabalho de comunicação e *marketing* desenvolvido pela *Fratelli*, para divulgar sua marca e suas produções, resultou em produtos como postais, propagandas, itens promocionais, campanha de divulgação, entre outros, importantíssimos para a história e modelos para a área de comunicação e da história de Salvador e Recife, valiosos e relevantes documentos de pesquisa acadêmica. Importante seria também o mapeamento de bibliotecas e arquivos com legado bibliográfico e documental sobre a marca.

As garrafas de vidro que foram produzidas localmente pela *Fratelli Vita* têm sua qualidade e seu papel inovador reconhecidos, mas não dispomos de informações sobre elas ocuparem espaços em nenhuma instituição cultural, para sua disseminação e preservação, e de seus inovadores modelos para a época. Os cristais produzidos pela *Fratelli Vita* foram reconhecidos e validados nacional e internacionalmente pela qualidade, verdadeiras obras de arte que atualmente encontram-se principalmente nas mãos de colecionadores particulares e antiquários. Todas as produções da *Fratelli Vita* mencionadas são referências que possuem valor e significados culturais histórico, artístico, tecnológico e social, e alguns de seus exemplares poderiam estar mais presentes em pesquisas, projetos educativos e patrimoniais, museus, e outras ações preservacionistas.

Essa pesquisa é a continuação de uma pesquisa em desenvolvimento, que tem por objetivo contribuir singelamente nas ações de resistência contra o esquecimento desse valioso legado industrial, que é a herança deixada pela *Fratelli Vita*, que nos mostra a constante necessidade de refletirmos sobre diversas heranças históricas que se encontram na memória e até cotidiano urbano dos indivíduos, mas que carecem significativamente de maiores estudos e projetos de preservação e salvaguarda, para projeção e não apagamento.

Em Recife, a ação do Edifício *Vita Classic* de contar e preservar aspectos da história da antiga empresa *Fratelli Vita*, e seus fundadores, apesar de ser de acesso restrito por ser um edifício residencial, é inspiradora como exemplo para projetos museológicos na cidade. Contudo, nenhum remanescente industrial pertencente à fábrica foi preservado no local, dado o estado degradado em que se encontrava o restante das ruínas da edificação.

Em Salvador, a antiga fábrica da *Fratelli Vita*, é uma edificação do entresséculo XIX e XX, de estilo eclético, que retrata o gosto e estética de uma época industrial da capital baiana, símbolo considerado de requinte e bom gosto, mas ainda assim, encontra-se sem uso e ocupação, podendo e devendo ser “reVITALizada” (Museu, 2000, p. 11, grifo nosso). Que tal a ressignificação desse espaço? Um museu histórico de Salvador, que além de extrema importância, também é de extrema necessidade, que poderia abordar e contextualizar em uma exposição ou módulo temático a era industrial do estado, em especial da cidade e da região da Cidade Baixa e do Subúrbio, o sentido e significado industrial estaria contextualizado *in situ*, para salvaguardar a história e legado da *Fratelli Vita*, mas também de outras grandes empresas do passado e que hoje jazem apenas restos de suas edificações — a exemplo da antiga Fábrica São Braz, no bairro de Plataforma, no Subúrbio Ferroviário, que produzia têxtil —, e que preservam a memória de uma geração que nelas viveu, trabalhou, enfim, que construiu

uma vida e legou-nos valioso legado, que precisa ser salvaguardado e disseminado no presente e para o futuro.

Referências

- ALBUQUERQUE, Vanessa Pereira de. *Controcorrente: episódios da presença italiana em Pernambuco (1880-1930)*. 2017. 139 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.
- ÁLVAREZ-ARECES, Miguel Ángel. Patrimonio industrial: Un futuro para el pasado desde la visión europea. *Apuntes: Revista de estudios sobre patrimonio cultural-Journal of Cultural Heritage Studies*, v. 21, n. 1, p. 6-25, 2008.
- ARRUDA, Gustavo. *A história da Fratelli Vita no Recife*. 1ª Edição, Recife, 2014.
- BAHIA, Lygia Maria dos Santos. *Histórias e memórias de mulheres nadadoras: o que a travessia Mar Grande-Salvador revela sobre a educação das mulheres em Salvador/BA*. 2017. 104 f.. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- BENEDINI, Giuseppe Federico. A emigração italiana para a Bahia. *Fénix-Revista de História e Estudos Culturais*, v. 10, n. 2, p. 1-20, 2013.
- CAMARGO, Maria Vidal de Negreiros. *Fratelli Vita: sabor e brilho na Península de Itapagipe*. In: *Península de Itapagipe: patrimônio industrial e natural*. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 169-192.
- CAPPELLI, Vittorio. La presenza italiana in Amazzonia e nel nordest del Brasile tra Otto e Novecento. *Revista Maracanã*, v. 6, n. 6, p. 123-146, 2010.
- CARDOSO, C. R. C. *Arquitetura e indústria: a Península de Itapagipe como sítio industrial da Salvador Moderna*. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura.) - Universidade de São Paulo. São Paulo. 2004.
- CASTRO, Lucas Uzeda. *O bairro da Calçada – Salvador (BA): do cidadão imperfeito ao consumidor mais-que-perfeito*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências, Salvador, 2021.
- CAVALCANTE, Sebastião Antunes; CAMPELLO, Silvo Barreto. *Ilustração e artes gráficas: periódicos da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco (1875-1939)*. Editora Blucher, 2014.
- CRISTAIS Fratelli Vita: a indústria da perfeição. Catálogo da Exposição Temporária. Salvador: FIEB, 2010.
- DE LACERDA, Ayéska Paula Freitas. Atrás do trio elétrico—evolução da mídia e impactos nas práticas musicais do carnaval de Salvador. *Interin*, v. 16, n. 2, p. 85-101, 2013.
- DE SOUZA, José Gileá; DE SOUZA, Laumar Neves; SPINOLA, Noelio Dantasle. ASCENSÃO E QUEDA DE UM CENTRO INDUSTRIAL URBANO: A PENÍNSULA DE ITAPAGIPE EM SALVADOR/BAHIA. *Revista Baru-Revista Brasileira de Assuntos Regionais e Urbanos*, v. 5, n. 2, p. 341-362, 2019.

EDELWEISS, Roberta Krahe. Cidade contemporânea, memória e preservação patrimonial: uma interpretação a partir das preexistências culturais. *Oculum Ensaios*, [S. I.J, v. 13, n. 1, p. 153–162, 2016. DOI: 10.24220/2318-0919v13n1a3220.

FUNARI, P. P. A; TOBIAS, Vilhena. Arqueologia industrial, Arqueologia pública e o patrimônio ferroviário: uma perspectiva histórica. *Memória Ferroviária e Cultura do Trabalho: perspectivas, métodos e perguntas interdisciplinares sobre o registro, preservação e ativação de bens ferroviários*. Eduardo Romero Oliveira (org.).1. ed. São Paulo: Alameda, 2017.

GUNN, Philip; CORREIA, Telma de Barros. A industrialização brasileira e a dimensão geográfica dos estabelecimentos industriais. *Revista brasileira de estudos urbanos e regionais*. Rio de Janeiro. vol. 7, n. 1, p. 17- 53, 2005.

ICOMOS; TICCIH. Os Princípios de Dublin. Irlanda: 2011. disponível em: <http://ticcih.org/wp-content/uploads/2017/12/Princ%C3%ADpios-de-Dublin.pdf>

KÜHL, Beatriz Mugayar. Algumas questões relativas ao patrimônio industrial e à sua preservação. *Patrimônio. Revista Eletrônica do IPHAN*, n. 4, p.1-7, 2006.

MOURA, Milton Araújo. CINEMA, FANTASIA E CARNAVAL EM SALVADOR (1945-1970). *Revista FSA*, v. 11, n. 2, 2014.

MUSEU CARLOS COSTA PINTO. *Fábrica de cristais Fratelli Vita: esplendor do vidro – Bahia 1920-1962*. Museu Carlos Costa Pinto. Exposição Temporária. Salvador: 4 de novembro de 1999 a 4 de março de 2000.

NOVAIS, Fernando Antônio. A proibição das manufaturas no Brasil e a política econômica portuguesa do fim do século XVIII. *Revista de História*, [S. I], n. 142-143, p. 213-237, 2000.

O ESPLendor do vidro: cristais Fratelli Vita. Catálogo da Exposição Temporária. Pinacoteca de São Paulo. São Paulo: 14 de agosto a 8 de outubro de 2000.

OLIVEIRA, Eduardo Romero. *Arquitetura Industrial, patrimônio industrial e sua difusão cultural*. In: FUNARI, P.P.A.; CAMPOS, J.B.; RODRIGUES, M.H.S.G. (org.). Arqueologia pública e patrimônio: questões atuais. Criciúma: UNESP, 2015 TICCIH.

RIBEIRO, José Júnior. A economia algodoeira em Pernambuco: da colônia à independência. *R. bras. Hist.* São Paulo, vol. 1, n. 2, p. 235-242, 1981.

SANTOS, Mário Augusto da Silva. Crescimento urbano e habitação em Salvador (1890– 1940). *Revista de Urbanismo e Arquitetura*, v. 3, ano 1, 1990.

TICCIH. *Carta de Nizhny Tagil*. Rússia: 2003. Disponível em: <http://www.patrimonioindustrial.org.br/modules.php?name=News&file=article&sid=29>